



ELIANE FRANÇA

Sobre o dorso das fêmeas

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

APRESENTAÇÃO

Sobre o dorso das fêmeas

Neste belo livro de estreia, Eliane França faz uma travessia corajosa sobre diversas histórias, corpos e destinos femininos. O poder de decisão sobre o próprio corpo, o envelhecimento, as tragédias que irrompem no cotidiano, o abandono dos próprios desejos, as complexas relações entre mãe e filha, entre irmãs, a solidão, o amor, a maternidade, o machismo, as impossibilidades de verdadeiros encontros, o sonho de escapar do morno da vida, são alguns dos fios construídos nesta rede de personagens tão diferentes mas igualmente imersas e presas nas dinâmicas e estruturas sociais, em combate com as potencialidades do ser.

A polifonia de vozes femininas e anônimas revela cada conto como uma experiência única, mas também coletiva, como a parte de um todo das vivências das mulheres. Ao recorte temático se soma um olhar irônico, uma linguagem ferina que surpreende e ao mesmo tempo comove. É como se, no universo criado por França, não houvesse tempo a perder, palavras a desperdiçar, mas urgências, personagens em acertos consigo mesmas e com o mundo. Em *O noivo*, uma

mulher, já na igreja, vestida de noiva, tenta se lembrar do rosto do noivo e não consegue. O esquecimento é exasperante e ganha ares insólitos, é como se nunca o tivesse visto realmente, apesar de estarem prestes a se casar. A ideia daquilo que deveria ser familiar mas se torna repentinamente estranho está presente também no belo *Esconderijos*, uma forte história de reconexão entre mãe e filha, na qual uma inusitada transposição de corpos, de reconhecimentos de dores e sangue marcam uma possível aproximação, “E todo mês, sorrisos coniventes. Nessa morte que não nos mata. Apenas anuncia que outras vidas podem vir”. Em *Bilhete*, uma mulher exausta com a própria vida sonha em ganhar na loteria, uma solução mágica que não exige uma atitude que sabe necessária, “Escapar dessa vida que não escolhera, mas que simplesmente permitira que lhe acontecesse”. O humor está em todo o livro, entrelaçado com as intimidades e as existências dos personagens como se a própria vida se comovesse e ao mesmo tempo risse de si mesma. França chega a um grande momento em *Sobre o dorso das fêmeas*, conto sobre uma mulher, ou várias, que abandona talento e carreira para arcar com as dores e doenças familiares, mas não é só isso, a vemos em fragmentos de sua vida em que o abandono dos próprios desejos ganha diversos formatos e situações, indo do humor ao onírico, passando pelas mulheres incendiadas na Inquisição.

Os contos de *Sobre o dorso das fêmeas* são pequenas cápsulas explosivas de efeitos às vezes abruptos, e às vezes poéticos, construídos com notável habilidade nas diferentes elaborações e texturas. Os finais surpreendem pelo inesperado,

e muitas vezes cortante, desfecho, como se o conto terminasse, mas aquela vida ali contada não se concluísse, continuasse em reverberação.

CLAUDIA LAGE



QUARENTA MINUTOS

Ainda suave, sem ofegar. Na rua deserta, à procura. O tempo todo, eu consultava o relógio, sem parar de buscar. Antigamente, me sentia culpada por ter essas manias. Quando finalmente descobri o que eu tinha, não me importava mais. Não estava curada, nem em tratamento. Consciente, sim. O que não deixava de ser um alívio, mas só de lembrar da discussão que tivemos antes de sair de casa, começava a respirar mais rápido e sentia a ansiedade querendo se instalar.

A rua continuava deserta. De gente e do que eu procurava. Olhei o relógio. Vinte e oito minutos. Enxuguei a testa. Suas palavras me martelando a cabeça. “Então, tira.” Esfreguei os olhos. Comecei a andar mais rápido. Pouco me importando, por incrível que pareça, se pisava em linhas brancas ou pretas, em sujeira, em pedrinhas portuguesas quebradas, em guimbas de cigarro, apagadas ou acesas. Vômitos, ratos, pombos. Nojeira. Nojeira foi o que você me disse. Em um instinto, minha mão parou de esfregar os olhos e foi para a barriga. Assim fiquei. Procurando o que tinha vindo procurar. “Então, tira.” Não lembrava se você tinha dito isso em grito ou

sussurro. Para mim, abismo. Quando disse que o resultado do exame tinha dado positivo, ingenuamente, esperei ver sua felicidade. No entanto, a imagem que ficou congelada na minha retina foi outra. O cronômetro no relógio avisava: trinta e um minutos. Avistei mais uma! Chutei sem dó, nem piedade. Saí correndo. Novamente impune.

Quando eu ainda procurava ajuda para o meu transtorno, li que os ciclos de obsessão costumam durar cerca de quarenta minutos. Enquanto esse tempo não passa, nós – os transtornados – fazemos o que temos de fazer: matamos a agonia criando algum “joguinho” – temos de fazer tal coisa, assim nada de mal nos acontecerá... É bobo, eu sei. Mas não é racional. Ali. Mais uma! Parei em frente à sexta lixeira. Falavam quatro. Esse era meu “joguinho” de hoje: quebrar dez lixeiras... Ou esperar passar mais oito minutos.

“Então, tira!” A sua voz, ao final da discussão, rondava minha cabeça. Em frente à lixeira arrebitada, um menino me condenava? Ou seria uma menina? Sete minutos. Não iria encontrar dez lixeiras. Era melhor sentar e esperar.

Não vou tirar nada! Nem menino, nem menina. Seis minutos. Já respiro melhor? Sento com a coluna reta. Eu que faço as regras. Terei. Não tiro. Menino ou menina, eu não me importo. Um minuto. Eu que faço as regras: com ou sem você, eu terei. Menino ou menina. Não destruo mais nada. Três, dois, um.

E-mail: *ch_franca@yahoo.com.br*

Facebook: *Eliane França*

Instagram: *@meucantomestico*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em agosto de 2021.
